

## **A educação sexual como ferramenta impulsionadora no combate do VIH/SIDA e de outras DST/IST**

**Cireneu de Jesus André Francisco \***

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0002-6267-6300>

### **RESUMO**

Nos nossos dias, a educação sexual tem sido reconhecida como uma ferramenta essencial no combate ao VIH/SIDA e outras DST/IST, devido ao seu papel na promoção de comportamentos sexuais seguros e na disseminação de informações precisas e actualizadas sobre saúde sexual. Vários estudos têm demonstrado que a falta de educação sexual está directamente relacionada ao aumento da transmissão de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o VIH/SIDA. Através de uma abordagem metodológica quantitativa descritiva, voltada à revisão sistemática da literatura científica disponível nos repositórios Scielo, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Google Académico e Medline, foi possível identificar diversas evidências que confirmam a eficácia da educação sexual na prevenção e mitigação do VIH/SIDA e outras DST/IST. A educação sexual abrange uma variedade de temas, como a importância do uso do preservativo no acto sexual, a desconstrução de mitos e tabus sobre sexualidade, entre outros. Outrossim, a educação sexual também é bastante fundamental no que diz respeito à influência dos indivíduos na tomada de decisões conscientes e informadas sobre sua saúde sexual, promovendo a autonomia e a responsabilidade individual. Portanto, o nosso fundamental objectivo com este estudo é apresentar a importância da educação sexual no combate do VIH/SIDA e de outras doenças sexualmente transmissíveis. O mesmo é motivado pela urgente necessidade de realização de debates abertos em várias instituições sobre a educação sexual, destacando o impacto que a mesma traria nas nossas sociedades.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação Sexual; Educação em saúde; VIH/SIDA; DST/IST

## **Sexual education as a driving tool in the fight against HIV/AIDS and other DST/IST**

### **ABSTRACT**

In recent times, sex education has been recognized as an essential tool in the fight against HIV/AIDS and other STIs, due to its role in promoting safe sexual behaviors and disseminating accurate and up-to-date information about sexual health. Several studies have shown that the lack of sex education is directly related to the increase in the transmission of sexually transmitted diseases, including HIV/AIDS. Through a quantitative descriptive methodological approach focused on a systematic review of the scientific literature available in the Scielo, Virtual Health Library (VHL), Google Scholar, and Medline repositories, it was possible to identify several pieces of evidence that confirm the effectiveness of sex education in the prevention and mitigation of HIV/AIDS and other STIs. Sex education covers a variety of topics, such as the importance of using condoms during sexual intercourse, debunking myths and taboos about sexuality, among others. Furthermore, sex education is also fundamental in influencing individuals to make conscious and informed decisions about their sexual health, promoting autonomy and individual

---

\* Mestrando em Saúde Pública, Assistente Social no Hospital Geral do Cuanza Norte Mário Pinto de Andrade, Angola. E-mail: [cireneucaf@gmail.com](mailto:cireneucaf@gmail.com)

responsibility. Therefore, our fundamental objective with this study is to present the importance of sex education in combating HIV/AIDS and other sexually transmitted diseases. This is motivated by the urgent need to hold open debates in various institutions about sex education, highlighting the impact it would have on our societies.

## KEYWORDS

Sexual Education; health education; HIV/AIDS; DST/IST

## Education sexuel lokola esalami ya conduction na combat ya vih/sida mpe bastd/sti misusu

### NA MOKUSE

Na mikolo ya lelo, mateya etali kosangisa nzoto eyebani lokola esaleli ya ntina mingi mpo na kobundisa VIH/SIDA mpe STD/STIs mosusu, mpo na mokumba na yango ya kolendisa bizaleli ya malamumu ya kosangisa nzoto mpe kopanza bansango ya sikisiki mpe ya sika na oyo etali kolongono ya nzoto. Baankete mingi emonisi ete kozanga koteya makambo ya kosangisa nzoto ezali mpenza na boyokani na kozwa mingi bamaladi oyo ezwamaka na kosangisa nzoto, ata mpe VIH/SIDA. Na nzela ya metode ya metode ya koyeba motango, oyo eza na mokano ya botaleli ya systeme ya mikanda ya siansi oyo eza na Scielo, Virtual Health Library (VHL), Google Scholar mpe bisika ya kobomba Medline, likoki ezalaki ya koyeba bilembeteli mingi oyo endimisaki ndenge mateya ya kosangisa nzoto ezosala malamumu mpo na kobundisa mpe kokitisa VIH/SIDA mpe STD/STIs mosusu. Mateya ya kosangisa nzoto elobelaka makambo ndenge na ndenge, na ndakisa ntina ya kosalela kondomu na makambo ya kosangisa nzoto, ezali kobebisa masapo mpe ba tabu na oyo etali kosangisa nzoto, mpe makambo mosusu. Lisusu, mateya ya kosangisa nzoto eza mpe na ntina mingi na oyo etali bopusi ya bato na kozwa bikateli ya koyeba mpe ya mayele na oyo etali kolongono ya nzoto na bango ya kosangisa nzoto, kolendisa bonsomi na bango moko mpe mokumba ya moto na moto. Yango wana, mokano na biso ya ntina na bolukiluki oyo eza ya kolakisa ntina ya koteya makambo ya kosangisa nzoto na kobundisa VIH/SIDA mpe maladi mosusu oyo ezwamaka na kosangisa nzoto. Epusamaka na mposa ya nokinoki ya kosala masolo ya polele na bibongiseli ndenge na ndenge na oyo etali mateya ya kosangisa nzoto, emonisi bopusi oyo yango ekoki komema na ba sociétés na biso.

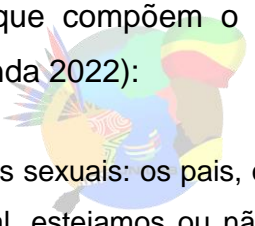
### MALOA YA NTINA

Boyekoli ya kosangisa nzoto; mateya ya bokolongono; VIH/SIDA; STD/ST

## 1. Introdução

Estando num século que a nosso ver é bastante agressivo na forma como o VIH/SIDA e as DST/IST têm sido disseminadas nas sociedades, e em muitos casos de forma dolosa, tornando cada vez mais aguda, este que durante muitas décadas tem sido considerado um problema de saúde pública global, urge a necessidade de as mentes humanas despertarem para acompanhar de forma vigilante e permanente a evolução deste preocupante fenómeno. Falar de educação sexual, no nosso entender, é falar dos muitos cuidados que principalmente os adolescentes e os jovens devem ter consigo mesmos em relação aos riscos do fórum sexual, como é o caso de abusos, aliciamentos, assédios e contaminação de muitas doenças transmissíveis por meio do contato sexual. É de extrema importância que os fazedores de políticas educativas em saúde de todos os

países do mundo percebiam o real conceito de educação sexual, que segundo (Santos e Miranda, 2022) “aborda aspectos fisiológicos e psicológicos envolvidos no comportamento sexual, bem como a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST), da gravidez precoce e de abortos, e auxilia no reconhecimento de situações de abuso”. Sendo assim, a educação sexual passa a ser um caminho pelo qual se consegue formar e informar os adolescentes e jovens sobre todos os cuidados ligados às doenças ou infecções sexualmente transmissíveis, com maior realce ao VIH/SIDA, para que se assegurem, prevenindo-se de todos os possíveis atentados contra a sua própria saúde física e mental, sem descurar os ensinamentos que os levarão a conhecerem os seus próprios corpos. Com a educação sexual, é possível que se forme, informe, e se crie políticas que invertam o quadro das muitas contaminações que temos estado a acompanhar nos últimos anos. Entretanto, é um assunto que carece de um tratamento sério e urgente, principalmente nas instituições de formação humana, como é o caso da família, escola, igreja, centros de formação profissional, centros comunitários, associações juvenis e jangos de debates. Este é um problema que precisa da atenção e sinergia de todas as instituições que compõem o mosaico social. Tal como salienta (Figueiró 2006, *apud* Santos e Miranda 2022):



Todos somos educadores sexuais: os pais, os professores, os demais profissionais e comunidade em geral, estejamos ou não conscientes disso, uma vez que, no contacto com crianças, adolescentes e jovens, acabamos por passar informalmente, várias mensagens, implícitas ou explícitas, sobre a sexualidade.

É bom despertar que ao se criarem espaços em que se debatam a educação sexual, será normal deparar-se com algum desconforto por parte de crianças, adolescentes e jovens, pelo facto de ser um assunto que carrega informações ligadas à muitos mitos e tabus, pois, tem se entendido que quando se fala de educação sexual, quer se falar de sexo, erotismo e prazeres. Portanto, atrevés deste artigo, queremos mudar esta forma de pensar que se diga muito antiga, para que percebam que a educação sexual é uma arena muito vasta e carrega informações bastante relevantes para a saúde do corpo humano, e através disso estarmos bastante atentos com relação aos ataques que possam surgir na vida. Aliás, queremos mostrar que a educação sexual é uma ferramenta indispensável no impulsionamento do combate do VIH/SIDA e de tantas outras doenças conectadas à sexualidade.

Através de referências bibliográficas, no entanto, é nosso objectivo com este estudo apresentar a importância da educação sexual no combate do VIH/SIDA e de outras doenças sexualmente transmissíveis. O mesmo é motivado pela urgente necessidade de realização de debates em várias instituições sobre a educação sexual, destacando o impacto que a mesma traria nas nossas sociedades.

## **2. Desenvolvimento**

### **2.1. Metodologia aplicada à pesquisa**

O estudo apresentado baseou-se na metodologia do tipo quantitativa descritiva, com base em uma revisão sistemática da literatura já existente que retratam sobre o assunto estudado dentro dos últimos cinco anos. As buscas de selecção rigorosa da bibliografia sucedeu de maio a julho de 2024 através dos repositórios Scielo, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Google Académico e Medline. As palavras-chave usadas para a pesquisa dos artigos foram: educação sexual, educação em saúde, prevenção, VIH/SIDA e DTS/IST.

Tendo o encontrado, os critérios de incorporação para o estudo foram: artigo escrito na Língua Portuguesa que abordava sobre educação sexual, sexualidade, educação em saúde, prevenção do VIH/SIDA e DTS/IST, publicados nos últimos cinco anos (2019-2023). Assim sendo, encontramos (58) artigos, boa parte deles publicados em Espanhol. Dentre eles, leu-se (16), dos quais foram simplesmente seleccionados (9) para o nosso estudo, pois notou-se que os outros artigos apresentavam informações similares aos dos seleccionados.

### **2.2. Surgimento da educação sexual**

A educação sexual começou a despertar algum interesse no século XIX, quando médicos sanitaristas, epidemiologistas, enfermeiros e outros pesquisadores preocupavam-se bastante com a existência de doenças que viessem a colocar em risco a saúde das populações. Com o intento de se começar a discutir precocemente a sexualidade entre crianças e adolescentes de tal modo que os mesmos tivessem maior domínio sobre si e conhecessem melhor o seu corpo e das reais transformações pelas quais estavam sujeitos a passar, além de contribuir para práticas sexuais saudáveis e seguras, promovendo assim a sua própria saúde, profissionais da saúde, com maior destaque para enfermeiros que desempenhavam o papel de educadores em saúde, começaram a desenvolver projectos sobre educação sexual, garantindo a promoção e

prevenção da saúde dos adolescentes por meio de encontros, debates, oficinas, jogos, jincanas, entre outras actividades (Costenaro *et al.*, 2020).

### 2.3. Importância da educação sexual

Os adolescentes, segundo (Guimarães da Silva, *et. al.*, 2022), não conhecem o seu próprio corpo, e mostram-se incapazes de reconhecer os sintomas das ISTs, o que deixa uma porta aberta para o seu contágio. O mesmo e seus colaboradores avançam dizendo que esse grupo não conhece ao certo nenhuma forma de contágio para infecções, isso que comprova que apesar da difusão das informações feitas pelas mídias sociais, as mesmas não têm chegado em muitos adolescentes. Aliás, muitas são as desinformações divulgadas nas mídias sociais que se configuram em situações de riscos, tendo em vista que esse público fica exposto a situações que podem influenciar no número de aumento de parceiros sexuais e de relações desprotegidas, o que aumenta a chance de exposição a infecções e gravidez indesejada. Assim sendo, a educação sexual tem a grande importância de dotar os adolescentes e jovens com informações seguras que os ajudam a terem maior cuidado com os seus corpos. Na verdade, a falta de conhecimento e de informações seguras, para (Almeida *et al.*, 2017, *apud* Guimarães da Silva *et al.*, 2022), resulta em uma maior vulnerabilidade o que leva a uma sequência de comportamentos de risco à saúde.

Nota-se que boa parte dos adolescentes e jovens, por não conhecerem, acreditam que é impossível estar infectados com qualquer DST/IST sem saber, ou seja sem que se apercebam deste perigo. Muitos deles agregam a errada ideia de que uma pessoa com aparência física saudável não pode estar infectada, o que vem aumentando as chances de contaminação e disseminação destas doenças. Outro problema é que ainda se acredita até nesses dias que para se contrair uma DST/IST, é necessário ter relações sexuais com várias pessoas, o que não traduz a realidade. Há relatos de casos em que casais que têm apenas um único parceiro sexual vivem como portadores de DST/IST/SIDA, e desconhecem do seu estado, muitas vezes pelo facto de nunca quererem fazer análises do SIDA, ou análises que detectem as DST/IST, e na maior parte das vezes quando chegam a ser diagnosticados, já se encontram num estado grave e irreversível. No entanto, compreendemos piamente que, com a implementação da educação sexual, é possível que se inverta a real compreensão destas doenças.

A educação sexual tem o valor de ensinar, formar e informar, isso que a leva a abrir as portas para o autocuidado de todos, o que acreditamos ser um direito dos indivíduos.

Portanto, esta educação é realmente uma fonte de prevenção que visa garantir a dignidade da pessoa humana. A mesma, neste caso a educação sexual, para a saúde, significa ir além da assistência curativa e priorizar acções preventivas sobre a saúde do corpo, de tal maneira que se caminhe na busca por mais qualidade da vida (Guimarães da Silva, *et al.*, 2022 *apud* Santos *et al.*, 2017; Brasil *et al.*, 2019). Por assim dizer, a educação sexual é de suma importância para os adolescentes e jovens, tendo em conta que a sua inexistência causa impactos negativos de vária ordem aos seus próprios corpos.

#### **2.4. A educação sexual no combate do VIH/SIDA e de outras DST/IST**

A educação sexual bem como a sexualidade, não é só assunto para adultos como se prega nas nossas sociedades até nos dias actuais, principalmente naquelas que ainda são meio conservadoras. Em Angola, país onde nos encontramos, apesar dos grandes avanços que se verificam no mundo, em que diariamente acompanhamos a total liberdade em matérias sobre orientação sexual dos adolescentes e jovens, falar de educação sexual continua sendo uma grande luta. Nas palavras de (Ferreira IG, *et al.*, 2019) “ainda se apresenta como um tabu social, cercada de mitos, estereótipos, valores e crenças, restringindo-se a diálogos superficiais entre pais e filhos”. Isso leva-nos a perceber que é um assunto quase que proibido. Soa a grande absurdo falar deste assunto, o que mostra realmente que os desafios a enfrentar ainda são muitos. As escolas, que até então continuam sendo consideradas os melhores lugares de transmissão de conhecimentos, precisam começar a pensar de forma urgente na possibilidade de se implementar projectos voltados à educação sexual.

Santos e Monteiro (2022), fazem saber que dentre os principais problemas de saúde pública ligados aos adolescentes e jovens, está presente o eminente risco de se contrair infecções sexualmente transmissíveis, uma vez que nos dias de hoje a prática sexual é inaugurada de forma muito precoce. Para estes pesquisadores, é muito raro nos depararmos hoje com um adolescente de 16 anos que ainda não teve o seu inaugural contacto sexual. Assim, é imperioso fazer saber que o VIH/SIDA e outras doenças sexualmente transmissíveis são transmitidas na maior parte das vezes por meio da actividade sexual, quer seja através do contacto oral, vaginal ou anal, sem o uso adequado do preservativo com uma pessoa que esteja infectada com a doença.

A contaminação pode ser feita por bactérias, vírus ou outros agentes directos. E como se não bastasse, a camada juvenil é considerada a mais vulnerável. Entretanto,



para que se tenha uma segura prevenção e se combata estas doenças, é necessário que todos os dias que for se relacionar com alguém do qual não se tenha a certeza da sua boa saúde sexual, se use o preservativo, aliás, a OMS nas suas políticas de prevenção e combate às DST/IST, indica o preservativo como sendo o melhor meio a ser utilizado.

Ao se levar em plena consideração a educação sexual, planta-se a esperança da promoção da saúde sexual, prevenção, minimização e do combate às DST/IST, em cada dia de debates, discussões, diálogos e partilhas de conhecimentos. Tendo a escola, como diz Ferreira IG, *et al.*, (2019) o espaço de bastante privilégio para a promoção de saúde e da educação sexual, através do seu tradicional carácter de formar o homem que pode a bom modo servir de estímulo à mudanças de comportamentos dos adolescentes e jovens, os governos e políticos dos vários países que ainda não abraçaram projectos sobre a educação sexual, destacando aqui boa parte dos países africanos e tantos outros em fase de desenvolvimento a nível do mundo, são convidados a abraçarem ou a desenvolverem projectos estratégicos que unam sinergias entre os ministérios da educação, saúde e cultura, e seguirem executando-os.

Por exemplo, no Brasil, o ministério da educação junto ao da saúde, instituíram o Programa Saúde na Escola, que tem sido um espaço de aproveitamento para palestras, diálogos em formas de rodas sobre assuntos que estimulam a reflexão, debate e conscientização dos adolescentes acerca da importância de temas como a gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, sintomas de doenças do fórum sexual, violência sexual, orientação sexual bem como identidade de gênero, machismo, métodos anticoncepcionais, tratamentos de doenças sexualmente transmissíveis e anatomia dos órgãos reprodutivos. São bons exemplos como estes que todos os países merecem seguir, pois, através deles, é possível se evitar o agravamento de certas infecções ou doenças sexualmente transmissíveis, e se evitar o espectáculo dos abortos e abandonos de recém-nascidos que temos acompanhado diariamente nas nossas comunidades. No entanto, os governos, ao não se procederem assim, ao não optarem pela educação sexual que mais do que outras palavras, significa prevenção do corpo, em que boa parte dos instrumentos de trabalho são apenas as pessoas contratadas pela causa, junto as palavras vindas de suas bocas, cairemos mais tarde naquilo que passamos a chamar de hoje em diante de doenças auxiliares do VIH/SIDA e das DST/IST, que são as suas várias subepidemias. Referimo-nos do preconceito, discriminação, desigualdades, falta de informação, isolamento, depressão, tornando assim incompreensível o diagnóstico epidemiológico das doenças sexualmente

transmissíveis em todo o mundo, empurrando cada vez mais distante a sua cura, tratamento e a intervenção exitosa dos profissionais da saúde.

## 2.5. Tabus sobre sexualidade e educação sexual

A sexualidade e educação sexual é um assunto ligado directamente à vida do homem. É impossível viver sem que se fale destas disciplinas. A sexualidade, por assim dizer, estabelece um componente intrínseco dos seres humanos, este que engloba aspectos biológicos, psicológicos, culturais e sociais, que tem sido influenciada intensamente pela sociedade por meio de crenças, tabus, normas e convenções sociais, Ferreira IG, *et al.*, (2019).

A falta de informações e conhecimentos de base sobre sexualidade, educação e saúde sexual por parte das famílias, faz com que muitas sociedades continuem encarando este assunto como proibido, dando à liberdade aos adolescentes e jovens da sua própria autodescoberta, sobre essas matérias. Tal como afirmam (Danzmann, *et al.*, 2022) sobre o que diz respeito ao momento para se começar a falar de matérias sobre a sexualidade e educação sexual, certas famílias dizem serem favoráveis ao adiamento da iniciação da vida sexual até que os filhos terminem a sua formação superior e consigam um bom emprego ou simplesmente recebam informações sobre o assunto através da religião ou escolas, ao passo que outras famílias sentem-se na necessidade de discutir sobre sexo, sexualidade e educação sexual apenas quando percebe(re)m que o filho(a) assumiu um namoro.

É evidente a forma como as famílias adiam falar sobre o assunto para um momento que nunca chega, pelo facto de ser uma matéria que os deixa muitas das vezes desconfortáveis e demonstram um despreparo a respeito da mesma. Deste modo, os filhos hoje encontram nas redes sociais o lugar propício para junto dos amigos buscarem e partilharem informações sobre sexo, sexualidade e educação sexual, que acreditamos ser bastante perigoso, pois, nas redes sociais partilham-se muitas desinformações que podem colocar em risco os adolescentes e jovens que levam muito em consideração tudo quanto é partilhado nestes espaços que a internet hoje nos oferece.

No entanto, uma vez que os adolescentes e jovens segundo (Figueiredo, 2020) não enxergarem as suas famílias como verdadeiras fontes de informações seguras, o que realmente aponta a presença de lacunas no processo de educação em saúde e com destaque a educação sexual, é importante que profissionais da saúde, educadores, professores e pessoas formadas em matérias sobre sexo, sexualidade, educação sexual



e saúde sexual e reprodutiva, sejam consideradas as mais indicadas para tratarem sobre este assunto, dentro dos espaços que repetidas vezes afirmamos aqui como sendo privilegiados. Portanto, para melhor preparação formativa dos adolescentes e jovens, na visão de (Morais, Guimarães e Menezes, 2021) é necessário que a educação sexual esteja fincada em três grandes pilares que são biológico, psicológico e social, deixando claro que a mesma é um assunto bastante sério que deve envolver a interdisciplinaridade, para se poder desenvolver diálogos e reflexões bem direcionadas a fim de se despertar uma visão crítica e autonomia nas tomadas de decisões baseadas em conhecimentos seguros e científicos por parte dos adolescentes e jovens, sobre sexo, sexualidade, educação sexual, saúde reprodutiva e educação em saúde. Aliás, estamos fielmente de acordo com (Furlanetto, *et al.*, 2018) ao afirmarem que a finalidade da educação sexual não é unicamente reduzir comportamentos de risco, como contaminações, disseminações das DST/ISTs e gravidez indesejada, mas também estimular a qualidade da vivência da intimidade, a qualidade das relações efectivas, a qualidade da própria vida em si, bem como a contextualização destas na sua raiz cultural, social e religiosa.

### Considerações finais

Depois de uma caminhada em torno da busca de informações evidentes sobre o tema do nosso estudo, neste momento em que julgamos ter passado alguma informação útil e capaz de transformar e salvar vidas, é bastante imperioso afirmarmos que a educação sexual influencia grandemente na qualidade de vida dos adolescentes, jovens e até mesmo dos mais velhos. No entanto, quando as informações sobre o assunto não são partilhadas em fóruns próprios, os mesmos começam a construir saberes deturpados a partir das suas vivências entre amigos, colegas e amigos dos amigos, isso que no final de tudo os leva a viverem uma vida volvida à prática sexual desprotegida, passando assim a correrem riscos muito visíveis e de várias ordens, como é o caso de contaminação, dessiminação e agravamento de doenças ou infecções sexualmente transmissíveis.

Só para que conste, um estudo que fala a respeito de conhecimentos, atitudes e práticas de estudantes universitários angolanos sobre o VIH/SIDA realizado por (Sobral *et al.*, 2022), confirma a ideia supradita, quando afloram que os conhecimentos equivocados sobre a transmissão do VIH e de outras doenças ou infecções sexualmente transmissíveis, tratamento e conduta diante das pessoas seropositivas, geram comportamentos de risco capazes de reforçar de forma exponencial o aumento de casos de SIDA.

Portanto, para que se combata de forma concreta o VIH/SIDA e outras DST/IST, é urgente que dentro das comunidades, desde bairros, sectores, distritos, etc., os governos do vários países do mundo criem equipes estratégicas de promoção de saúde, educação sexual e/ou de saúde reprodutiva. Aproveitamos aqui chamar a atenção de forma específica aos governos dos países do Sul Global. Igualmente, vale-nos realçar que só é possível instruir, formar e informar sobre sexualidade, sexo, VIH/SIDA, DST/IST, prevenção e contaminação, por meio da educação. Se assim ocontecer, estaremos desconstruindo os estereótipos, mitos e tabus que há muito se vem implantando no seio das famílias e das sociedades no geral sobre a disciplina de sexualidade e educação sexual, ao mesmo tempo que estaremos combatendo este problema de saúde pública global que diariamente se vê ganhando bastante asas.

### Referências Bibliográficas

- COSTENARO, B. M.; SILVA, D. P.; COSTA, J. A.; COSTA, M. A. Educação sexual com adolescentes: promovendo saúde e socializando boas práticas sociais e familiares. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 12, p. 100544–100560, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/21960>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- DANZMANN, R. B.; SILVA, L. M.; COSTA, M. F. Educação sexual na percepção de pais e adolescentes: uma revisão sistemática. *Revista Psicologia, Diversidade*, v. 11, e3981, 2022. Disponível em: <https://journals.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3981>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- FERREIRA, I. G. et al. Oficina de saúde e sexualidade: residentes de saúde promovendo educação sexual entre adolescentes de escola pública. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 14, n. 41, e1788, 2019. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1788>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- FIGUEIREDO, M. L. Educação sexual e reprodutiva para adolescentes na atenção primária: uma revisão narrativa. *Revista Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde*, v. 24, n. 1, p. 82–87, 2020. Disponível em: <https://ensaioseciencia.pgsscogna.com.br/ensaioeciencia/article/view/7404>. Acesso em: 22 jun. 2025.

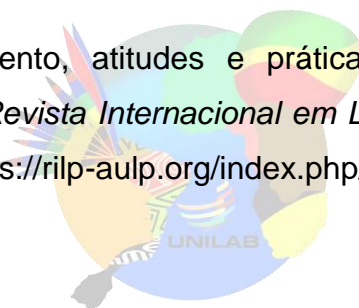
FURLANETTO, A. C. et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cadernos de Pesquisa*, v. 13, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053145084>. Acesso em: 22 jun. 2025.

GUIMARÃES DA SILVA, A. P. et al. Papel da enfermagem na educação sexual de adolescentes. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 2, e3951125585, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25585>. Acesso em: 22 jun. 2025.

MORAIS, M. C.; GUIMARÃES, A. C.; MENEZES, E. S. Educação sexual: as percepções dos professores de biologia do ensino médio. *REnBio – Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, v. 14, n. 1, p. 135–156, 2021. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/395>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SANTOS, A. C.; MIRANDA, F. A. Educação sexual nas escolas: uma necessidade urgente. *\*Boletim de Conjuntura (BOCA)\**, v. 12, n. 34, p. 108–126, 2022. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/732>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SOBRAL, J. et al. Conhecimento, atitudes e práticas de estudantes universitários angolanos sobre o VIH/SIDA. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, n. 42, p. 13–26, 2022. Disponível em: [https://rilp-aulp.org/index.php/rilp/article/view/rilp2022\\_42p.13-26](https://rilp-aulp.org/index.php/rilp/article/view/rilp2022_42p.13-26). Acesso em: 22 jun. 2025.



Recebido em: 23/04/2025

Aceito em: 12/07/2025

**Para citar este texto (ABNT):** FRANCISCO, Cireneu de Jesus André. A educação sexual como ferramenta impulsionadora no combate do VIH/SIDA e de outras DST/IST. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.5, nº 1, p.294-304, jan.jun.2025.

**Para citar este texto (APA):** Francisco, Cireneu de Jesus André. A educação sexual como ferramenta impulsionadora no combate do VIH/SIDA e de outras DST/IST. Jan./jun.2025. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 5 (1): 294-304.